TL1329-62

V JORNADAS DE TIMOR
DA UNIVERSIDADE DO PORTO

22 a 29 DE Julho de 1993

Pascoela Barreto dos Santos

A presente comunicação baseia-se num trabalho sobre a comunidade timorense residente em Setúbal centrado no tema "IDENTIDADE NUMA DINAMICA ESPACIAL E CULTURAL", elaborado por Elsa Rodrigues, Luís Barrosa e Pascoela Barreto em 1990.

Comunidade é uma daquelas palavras utilizadas em vários tipos de discurso, aparentemente inteligível a locutores e ouvintes, porém quando importado para o discurso da ciência social, os parâmetros da sua significação requerem alguns cuidados, implicando algumas dificuldades.

O conceito de comunidade é um conceito familiar aos antropólogos e sociólogos que envolve várias perspectivas de análise. De forma sintética, comunidade é aqui entendida como construção simbólica, como um sistema de valores e códigos morais que dão um sentido de identidade aos seus membros. O espírito de comunidade envolve a sensação/percepção de pertença por parte dos indivíduos que assenta fundamentalmente numa identificação social e cultural a que se associam laços de intimidade e convívio pessoal, oriundas da partilha de uma situação similar inseridos numa outra sociedade.

A identidade na perspectiva analisada, constitui-se como um conjunto de referências materiais, subjectivas e sociais. É igualmente um conjunto de processos de integração e de síntese cognitiva, porém este conjunto apenas existe porque algo lhe dá uma coerência e um sentido, é o sentimento de identidade.

O sentimento de identidade tem uma face psicológica interna e possui igualmente uma face social externa. Todas as condutas reenviam para a percepção interna, mas também para o contexto social no qual elas possuem um sentido idêntico, similar, conferindo uma posição social ao actor. É um conjunto de critérios que conduzem a uma definição social do indivíduo ou do grupo, permitindo situá-lo na sociedade.

Na sua relação com o "outro", os indivíduos têm tendência a se definir espontaneamente pela sua identidade social, isto é, pelas suas categorias sociais de pertença. Isto evidencia a existência de uma visão subjectiva, pessoal da sua identidade social.

Comunidade parece implicar assim, simultaneamente, tanto similaridade como diferença: a oposição de uma comunidade face a outras comunidades ou identidades sociais. As fronteiras, os limites, são marcados, dado que as comunidades interagem, de alguma forma, com identidades com as quais são ou desejam ser distinguidas.

> "...Estamos em terra alheia, procuramos sempre qualquer coisinha para nos juntarmos"

> "...Quando me sinto só, eu não vou a procura de uma amiga portuguesa, mas sim vou para timorenses...há uma necessidade em conviver com eles, eu abro-me mais com eles, eu estou mais à vontade"

Os limites de uma comunidade baseiam-se naquilo que a define como tal, e mais precisamente nos significados que os membros lhe atribuem. Este é sem dúvida o aspecto simbólico que delineia o limite da comunidade.

A comunidade, quer a nível material como conceptual, possui pois, uma dimensão simbólica. Toda esta simbologia reveste-se de importância capital dando razão de ser ao espírito de comunidade.

Nestas circunstâncias, os indivíduos definem-se e agem por referência a algo que atribuem significado - "aos seus iguais", à sua cultura e que se afirma pelos laços e práticas que os indivíduos estabelecem entre si, o que nos permite falar em comunidade na acepção de construção mental, dado que as manifestações objectivas desencadeadas lhe conferem credibilidade.

É de destacar, que a relação entre a comunidade e o exterior é bastante complexa e não se esgota nas características que fazem dela uma comunidade com as suas fronteiras. Este relacionamento da comunidade com o que a rodeia é simultaneamente um elemento

interno e externo à própria comunidade que actua sobre os seus elementos constituintes e ao qual estes podem responder diversamente. É este processo de influência e permeabilidade, se assim quisermos chamar, que interessa detectar e que se reporta às contingências que o meio de inserção suscita.

O indivíduo tenderá a manter-se membro de uma comunidade em termos socialmente definidos e em função do seu passado cultural, mas simultaneamente procurará iniciar um processo de pertença a outras comunidades grupos se essas contribuírem de alguma maneira para os aspectos positivos da sua identidade individual.

> "...Eu acho que se deve prevalecer a convivência entre os timorenses, mas também com os portugueses... com os timorenses nós já sabemos as nossas maneiras, os nossos usos e costumes e com os portugueses aprendia-se mais, para ocidentalizar mais e aprendia-se mais coisas. Nós temos um circuito muito fechado, só timorenses e näo se fala noutra coisa. .. só com os timorenses eu acho que näo aprendemos nada. Os meus filhos näo iam aprender nada... ao passo que convivendo com os portugueses väo alargar mais os conhecimentos deles. E onde houvesse menos timorenses para o meu filho seria melhor, em questöes de linguagem... estando dois ou três (timorenses) numa aula, entre eles näo falam o português, é logo o tétum que vai"

A mobilidade subjacente a esta perspectiva é, no entanto, conflitual face à concepçäo que possa existir de comunidade. Convém destacar, e para o caso em estudo, o surgimento de dois pólos que abarcam o actor - identidade comunitária (o eu comunitário) e a identidade individual (o eu individual) (Alex Mucchielli, 1986, pag 72).

A dimensäo participativa comunitária de identidade individual é

colocada em evidência quando estamos perante certo tipo de fenómenos de solidariedade. Nestes casos, a identidade individual confunde-se com a identidade colectiva. O fenómeno da fusão da identidade individual na identidade colectiva pode ser encontrado em vários tipos de circunstâncias. Cabe aqui destacar uma das situaçöes que se revela como uma das mais dramáticas para a comunidade: a guerra.

A situação de guerra pelo perigo real que representa neutraliza o individualismo em favor do "eu comunitário". Sentimentos e condutas reportam-se então à comunidade. Este fenómeno de identificação reforça o sentimento de pertença ao grupo, mas também não impedem em absoluto, que no seu interior se desenvolvam estratégias de "saída". Uma visão dinâmica de comportamentos em comunidade, implica que se perceba as mudanças que se operam, quando ela entra em interacção com outras comunidades.

Porém neste caso concreto, este processo não será assim tão linear, pois há que ter em conta as condicionantes de todo um processo de inserção/integração a um novo meio, do qual resulta um confronto de culturas, o que contribui para que o seu raio de acção, e por conseguinte a mobilidade do indivíduo seja refreada dada a sua situação real, não só pelas limitações impostas pelos outros, mas também pelas poderosas pressões sociais internas sobre a minoria.

"...O que me desagrada mais em Portugal é a distinção de raça...Há certos colegas que não querem misturar, querem turmas só de brancos, não querem retornados sabendo que os timorenses têm grandes dificuldades, que estão a estudar no 11º e 12º anos e exigem apoio de Portugal, e eles tentam boicotar esse apoio"

A preservação da identidade cultural dos indivíduos passa por um processo de reafirmação da sua cultura e tradições face ao meio

envolvente. Manifesta-se pelas práticas que eles próprios organizam (reuniöes, festas, convívios, vestuário) . Esta reafirmação, passa pela existência de espaços específicos de comunicação, que funcionam como espaços de recriação da sua identidade e da sua cultura.

> "... Há sempre um pretexto para nos juntarmos (timorenses), por exemplo, um convívio que só haja batardam (prato típico timorense) e peixe assado"

A identidade cultural surge, assim, como importante factor de coesão entre os membros da comunidade, reforçando os elos de ligação entre os indivíduos. Este processo de identificação cria teias de solidariedade, como reacção a uma situação de desasjustamento e de adaptação.

> "...Nós participamos em várias solicitaçöes dos nossos conterrâneos que estão em Portugal, vamos sempre e mesmo aqui em Setúbal organizamos festas. Os nossos irmäos organizam em Lisboa, em Amadora, nós estamos sempre presentes."

Esta solidariedade desenvolve-se através de redes que se estabelecem no interior da comunidade residente em Portugal e no estrangeiro, factor indispensável à coesão e preservação da sua identidade.

> "... A nível da Austrália as relaçöes säo fáceis... A nível de Timor temos comunicaçöes, mas clandestinamente"

O desajuste social com que os indivíduos se vêm confrontados é expresso nas baixas posiçöes sociais que ocupam na sociedade que os recebe, o que os remete para uma situação de privação económica.

> "...Aqui para tudo o dinheiro tem que correr. Agora lá a

gente tem um quintalinho, tem umas papaeiras, tem uns pés de mandioca, tem uma capoeirazita no quintal, alguns até tem cabritos, de maneira que a dificuldade näo é assim tanta. Mesmo näo tendo dinheiro a gente já sabe onde vai buscar as coisas. Agora aqui näo! Aqui tem que ser tudo controlado, se näo..."

Por outro lado a cultura da sua pátria constitui uma força poderosa que influi sobre a sua a adaptação ao meio ambiente; e aqui importa destacar precisamente o espaço linguístico que pode reforçar uma marginalizaçäo cultural e social, sendo um determinante das relaçöes individuais e colectivas dos agentes.

Contudo, a partir do momento em que o indivíduo começa a interagir com o meio, nomeadamente por exemplo por razöes profissionais, ele encontra a sua existência organizada em torno de dois pólos: por um lado a família e amigos seus compatriotas que utilizam a sua língua materna, estando assim em contacto com referentes culturais análogos ao do seu país; por outro lado o seu trabalho e a vida pública onde se fala um idioma diferente.
Esta separaçäo entre língua de "afecto" (uso privado) e uma língua de "poder" (de carácter público, especializada, totalmente desprovidas de conotaçöes afectivas) tende a impor ao indivíduo (no que trabalha) uma divisäo da sua vida diária: o universo do trabalho e o gheto cultural. Apesar de integrado na produçäo ele está excluído da vida social, aspecto que vai fomentar a sua integraçäo com os seus compatriotas , enquanto membros de um grupo minoritário.

"...Em casa falamos o tétum a näo ser quando há visitas que falamos o português"

"...Em casa praticamente falamos tétum. Com os patrícios depende. Se eles entram em português respondemos em português, se entram em tétum, lá vai o tétum....às vezes a gente

diz: é pá! temos que falar português porque senão os garotos na escola sentem dificuldades"

Mas por outro lado, verificam-se nalgumas famílias estratégias de mobilidade isto é, utilizam na relação com os filhos a língua do "poder", pretendendo com esse objectivo que estes se insiram mais facilmente na nova sociedade, incluindo um melhor aproveitamento na vida escolar.

"...Falamos tétum em casa, com as crianças falamos o português"

"...Nós aqui em Portugal temos que optar mais pelo português para não termos dificuldades nas escolas"

Esta situação conduz a uma desvalorização da importância da língua materna. Na comunidade em questão, sobretudo nos mais jovens, os nascidos cá, assiste-se a uma perca gradual desse instrumento cultural tão importante para a sua coesão.

"...Aqui em casa com as crianças eu falo o tétum porque senão vai ser esquecido. A minha mulher quer que as crianças aqui em casa falem o português, mas eu digo não! porque o português pode-se falar e aprender na escola e em qualquer lado, o tétum não. Pelo menos aqui em casa temos que conversar, é uma língua que dá a entender que é timorense"

BIBLIOGRAFIA

BETEILLE, André, "Race et Identité", in Revue International de Science Sociales, Vol XXIII, 1979, nº4.

BOURDIEU, P., Esquisse d'une Théorie de la Pratique, Droz, Geneve, 1972.

BOURDIEU, P., La Distintion: Critique Sociale du Jugement, Paris, Ed. Minuit, 1979.

CERTEAU, Michel, Le Invention du Quotidien, Arts de Faire, Vol 1, Paris, Union General D'Editions, 1980.

GEORGE, P., Geopolitiques des Minorités, Paris, PUF, 1984

GIARD, Luce, MAYOL, P., L'Invention du Quotidien, Habiter et Cuisiner , Vol 2, Paris, Union General D'Editions, 1985

GOFFMAN, Erving, A Representaçäo do Eu na Vida Quotidiana, Petrópolis, Vozes, 1983.

MACHADO, F. Luis, "As Práticas de Sociabilidade em Queluz Ocidental" , in Sociedade e Território, Porto, Ed. Afrontamento, 1985.

MUCCIELLI, Alex, L'Identité, Paris, Presses Universitaires de France, 1986.

REX, Jonh, "Relations Raciales et Groupes Minoritaires: Quelque Convergence", in Revue Internationale de Sciences Sociales, Vol XXXIII, nº2, 1981.

RODRIGUES, Walter, "Comunidade Caboverdiana", Marginalizaçäo e Identidades, in Sociedade e Território, Porto, Ed. Afrontamento, 1989.

TAJFEL, Henry, Grupos Sociais e Categorias Sociais, Porto, I e II, Lisboa, Livros Horizonte, 1982.

UNESCO, Vivir Entre Dos Culturas, Ed. Del, Serbal, 1983